



Caminhada Silenciosa: entre a pegação e o que está aqui

Vivian Caccuri*

RESUMO: O texto discute os objetivos e experiências da “Caminhada Silenciosa”, projeto de deriva urbana da artista plástica Vivian Caccuri, que propõe um convívio de oito horas sob voto de silêncio entre vinte pessoas que não se conhecem, enquanto visitam locais com atividade acústica ou perspectivas pouco cotidianas. O debate abraça as possibilidades de similaridade entre “lugar” e “pessoa”, comportamento acústico e personalidade, escuta e nado.

PALAVRAS-CHAVE: caminhada; silêncio; deriva; consciência acústica

ABSTRACT: This text focuses at the aims and past experiences of the “Silent Walk”, a urban *dérive* project by the visual artist Vivian Caccuri, that promotes a living together of twenty anonymous people along eight hours of vow of silence, while visiting acoustically active places and spaces that are usually not part of a daily routine/commuting in the city. This debate engages possibilities of comparison between a “place” and a “person”, between acoustic behaviors and personalities and between listening and swimming.

KEYWORDS: walking; silence; drift; acoustical awareness

*Vivian Caccuri é artista plástica, mora e trabalha no Rio de Janeiro. É formada em Artes Visuais pela UNESP e mestre em Estudos do Som Musical pela UFRJ. Na Universidade de Princeton escreveu o livro “*O que Faço é Música*” (2012), publicado pela editora 7Letras e premiado Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música em 2013.

Sob uma perspectiva absolutamente pessoal e na busca por um pouco de debate, gostaria de dizer que lugares são pessoas. Lugares, quero dizer, os espaços físicos aos quais damos função ou significado, têm personalidade, comportamento, história e habilidades de comunicação às vezes pouco tangíveis. Lugares extrovertidos: naturalmente povoados de pessoas, não só recebem seus visitantes como os querem livres. Lugares tímidos: mesmo que à primeira vista se possa cruzá-los é preciso de alguma persistência, seja de observação, investigação ou simplesmente várias visitas para conhecê-los mais profundamente. Lugares violentos têm uma camada de história excessiva que nos inibe e nos aterroriza: a promessa da dor, enquanto lá se fica, nos cerca como alarme e impede qualquer interação que dependa de um instinto diferente do de sobrevivência. Ou seja, para cada lugar, um certo trato.

O que dizer sobre a voz desses lugares? Seus sons típicos? Aqui me atenho mais a *como* eles soam e não exatamente *o quê* dizem (seu conteúdo): a acústica pode ser uma das principais portas de entrada para desvendar as vísceras de um espaço, o comportamento sonoro que modula os afetos do indivíduo e dos grupos. A característica acústica de um lugar devolve os sons que nele ressoam com uma nova face e possivelmente, outros níveis de sentido. Quem dá sentido é o sujeito, aquele que presencia/vive o fenômeno, e o mais instigante para nós aqui é ter em mente que o fenômeno acústico acontece em duas esferas que são distintas mas se agarram o tempo todo: a individual e a coletiva. Nesse sentido, faz lembrar de À l'écoute do filósofo Jean Luc Nancy, um grande esforço para explicar o fenômeno (qualquer fenômeno físico) a partir de esquemas que nascem da natureza da escuta, na contramão, segundo ele, da história da filosofia europeia, tradicionalmente atrelada às estratégias visuais e analíticas:

Escutar tem como destino - ou é suscitado por - o lugar onde o som e o sentido se fundem e ressoam um no outro. Se o som é procurado dentro do sentido, o oposto também é válido: o sentido é procurado dentro do som. Assim, o sentido deve ser procurado na ressonância. Portanto a acústica seria uma espécie de molde do sentido; a caixa onde o sentido ressoa e significa. [...] Escutar é compartilhar o dentro e fora, a divisão e a participação, a conexão e o contágio. O som que penetra pela orelha propaga pelo corpo inteiro os seus efeitos. [NANCY, 2002,pg 7]

Apreender o ser, ou a verdade do fenômeno, é impossível para Jean Luc Nancy sem procurá-la nos ecos, reverberações, abafamentos, contenções que o som e seu significado provocam um no outro. São nas distorções, nos prolongamentos, nos achatamentos e não na *pureza* onde o *ser* pode ser apreendido. É no *como* que as coisas soam de onde emerge o rosto de uma possível verdade. A ressonância é assim, como um corpo. Na minha suposição “serão lugares, pessoas?” munida por Nancy, os lugares que ressoam são como um povoado de corpos com os quais nos relacionamos afetivamente. Faz sentido pensar em uma grande “pegação”.

Um dia de variedades

Gostaria de seguir aqui com alguns exemplos de como isso acontece na prática, por meio do projeto ao qual me dedico desde 2012, a caminhada silenciosa. Neste trabalho que tem duração de oito horas, reúno cerca de vinte pessoas para uma deriva urbana cujo roteiro foi previamente organizado por mim. Como já anuncia o seu nome, a caminhada é feita sob voto de silêncio, deixando os participantes em um estado muito diferente em relação ao comportamento cotidiano movido pelo capital na cidade (entenda-se deslocar-se na cidade para o trabalho, para o consumo, para o lazer intermediado pelo consumo). Visitamos uma série de lugares que possuem características acústicas das mais diversas (becos, terraços, porões), lugares produtores de som (casas de máquinas, natureza) ou onde existe algum tipo de performance corrente ou potencial (espaços religiosos, fóruns, auditórios, *backstages*). Pensando que o dia foi desde a Revolução Industrial sendo dividido pragmaticamente entre trabalho, lazer e sono, pensei que a caminhada pudesse ocupar o espaço reservado para o trabalho, de forma a trazer um descolamento ainda mais radical em relação ao dia comum, para quem participa.

A caminhada já aconteceu em diversas cidades como São Paulo, Niterói, Valparaíso, Riga, Helsinki e Amazônia (partindo de Manaus), mas se iniciou e se concentra no Rio de Janeiro, cidade onde moro. Acredito que a capital carioca é responsável por inspirar formas que hoje utilizo onde quer que eu vá com o projeto, sendo a principal delas a pausa em lugares específicos para nada fazer, numa atitude que seria completamente antiutilitária do espaço público se não fosse o meu entusiasmo em encontrar os locais certos para dormir em público.

O dia 28 de maio de 2013, a terceira caminhada silenciosa, foi especialmente marcante por ter oferecido uma variedade de contrastes e ambientes onde foi possível experimentar a característica acústica dos espaços, sua relação com o poder e com sensação de ordem social. Imagine a sequência:

1. O grupo se reúne no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro, onde há uma boa concentração de pedestres e de performers de rua. Um desses performers é um senhor de sessenta e muitos anos equipado com um microfone sem fio, segurava uma caixa. Ele oferecia (de graça) mensagens de Deus escritas em pequenos papéis. Sua voz ecoava tranquila pelo Largo. Esta pessoa tolerava.
2. Nós vamos em direção ao enorme edifício do Banco Nacional do Desenvolvimento, o BNDES. Depois do estranhamento inicial que o grupo silencioso causa na recepção, o chefe da segurança começa uma visita guiada por diferentes andares, nos levando à casa de máquinas e ao heliponto. No terraço, alguns dos participantes deitam nas marcações de pouso dos helicópteros. Depois disso, somos levados a uma grande sala de reuniões com vidros espelhados pelos quais só se pode enxergar pelo lado externo. A massiva mesa central é repleta de microfones e sistemas de intrafone. Ao lado deste ambiente está a sala da presidência, ou melhor, da presidenta Dilma. Assim que a porta se fecha, o silêncio é sepulcral. Nada pode-se ouvir do lado de fora: é a proteção do segredo de estado. Do alto desta sala, olhar para baixo em direção ao Largo da Carioca é quase desolador já que a sensação de poder e influência sobre a vida comum ameaça todos os pensamentos. Esta pessoa escondia.
3. Saímos do BNDES e logo em seguida entramos no Santuário de Santo Antônio coberta de ouro, e marco de onde o mar chegava originalmente na orla do Centro do Rio. Ao lado da Igreja, uma capela estava lotada de fiéis que cantavam e rezavam. O nosso grupo silencioso se mistura ali dentro entre os fiéis. Soube que houveram alguns participantes que experimentaram uma confissão silenciosa, por meio da escrita e de mediadores que se voluntariaram espontaneamente. Esta pessoa extravasava.
4. Ao final da tarde, cansados, paramos dentro do refeitório localizado no porão do Museu de Arte Moderna, onde ao lado está uma gigantesca estrutura do ar condicionado construído na década de cinquenta. Muitos fecharam os olhos, alguns dormiram com a



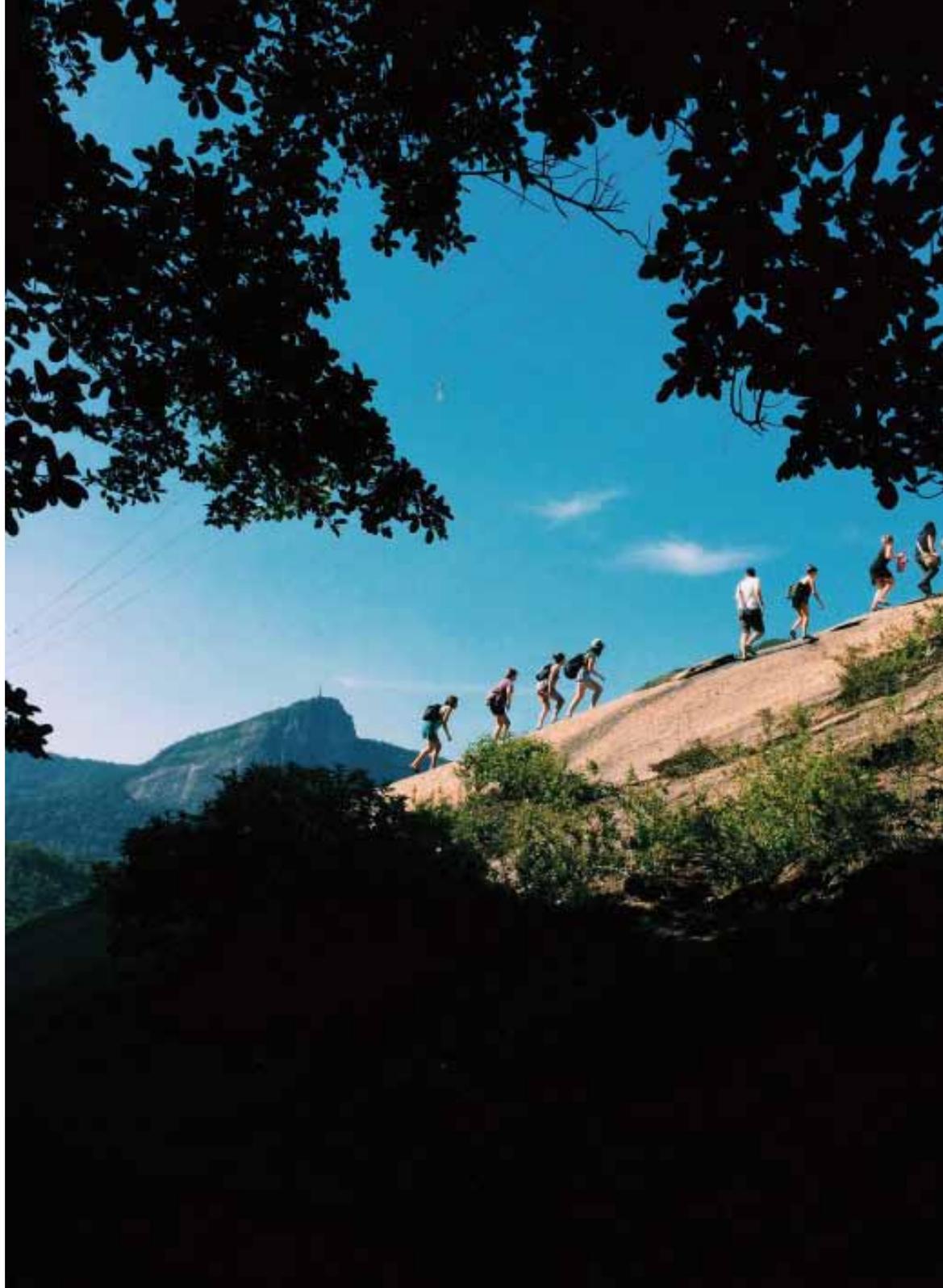
cabeça nas mesas, enquanto o som incessante da cachoeira artificial que refrigera o sistema refrescava os ouvidos já superutilizados. Esta pessoa massageava.

Toda caminhada termina com um jantar especialmente preparado para a ocasião. Durante esta celebração final é possível novamente falar, e é quando os participantes comentam suas memórias e experiências. Foi nessas ocasiões onde o que eu ouvia de seus relatos me mostrava que muitos deles se relacionavam com os espaços com uma empatia quase humanizada. Desde o início me identificava com esta atitude e passei a adaptar minhas ações tratando os espaços com a educação que exige um ser humano ou com a informalidade que é necessária para convencer alguém.

Nadando no ruído

Desde os primeiros experimentos que me ajudaram a encontrar a forma atual da caminhada, ficou claro como abolir a comunicação oral funcionaria um atalho para encontrar essas “pessoas” - a sonoridade típica de um lugar - adentrar os lugares de forma aberta para ouvi-los. Experimente na prática: é fácil observar como a palavra serve como uma pequena “fuga”. Grupos que andam na rua estão geralmente conversando, formando um cercado linguístico interpessoal dentro de um ambiente maior: o espaço público urbano. Sair para ouvir diferentes espaços da cidade enquanto se conversa sobre *qualquer coisa* fazia pouco sentido para mim. Eu precisava de uma “liga”, uma “cola” que desse integridade e densidade para a experiência acústica, e essa cola é a abolição da linguagem verbal. Assim, quebrar estas cercas que a linguagem impõe na experiência *com o que está fora*, foi para mim uma forma de convidar as outras pessoas, pessoas-lugares e fenômenos para dentro do círculo das 20 pessoas que caminham.

O cérebro, desprovido da necessidade de produzir palavras se reacomoda em outras atividades, e aqui na caminhada silenciosa arrisco dizer que o cérebro encontra conforto na observação, na escuta e na comunicação extra-verbal. O empresário manauense Ives Montefusco, participante da caminhada na Floresta Amazônia, disse o quanto sua memória tornou-se ativa colocando-o vividamente em acontecimentos de trinta ou quarenta anos atrás. Assim, consigo dizer também que o estado silencioso abre um maior espaço para a função da memória e por consequência, a geração de novas ideias, já que é muitas vezes no choque entre antigas acepções e novas percepções que as ideias inovadoras surgem.





Refúgio no caos

Estamos acostumados a pensar que a realidade é um véu que um dia vai se rasgar. Nessa ideia de que a realidade é um véu temporário, o mal-estar só existe porque ainda não ganhamos aquilo que desejamos, ainda não conquistamos o status profissional que sonhamos, não chegamos ao ideal pelo qual estamos lutando, ou a forma física, o lar/carro/parceiro dos sonhos, enfim, ainda não apaziguamos as ambições. Conquistar todos os desejos faria com que essas insatisfações cotidianas se neutralizassem, e assim, um véu iria se rasgar e uma vida plena e verdadeiramente poderosa/bela/interessante/justa se tornaria então a nova regra: a realidade “premium”. Ledo engano, porque o saco dos desejos e insatisfações não tem fundo.

Apesar de ter certeza de que qualquer trabalho estético é em si um antídoto para a precarização da consciência da realidade, uma forma de *confiar no que está aqui*, acredito que é por conta dessa “ideia de que existe algo além” a razão pela qual se utiliza a cidade, o espaço público, e os ouvidos (e sentidos) de forma tão utilitária e precarizante. O espaço público no Brasil é lugar de passagem, dos moradores de rua, da prostituição, do camelô, do crime, do caos. Nessa forma utilitária de pensar, o que está aqui não presta, o que realmente interessa está além, fora do alcance do homem comum. O objetivo é portanto “se diferenciar” para encontrar seu *eldorado* pessoal e perder o menor tempo possível com essa feiúra toda que é a cidade. Enquanto isso, nos fechamos em uma vida mecânica de pouquíssima criatividade, interesse, assombro ou imprevisibilidade. O contato social, hoje cada vez mais “condominizado” pelas redes sociais, vai se resumindo às pessoas que desejam ou acreditam no mesmo que nós, que estão na mesma classe social ou raça que nós, possuem o mesmo juízo estético que nós, sufocando a possibilidade de uma vida socialmente diversa.

A minha experiência com o silêncio coletivo está longe de dar conta desses problemas estruturais. Entendo o quanto o meu alcance é parcial, não radicalmente diverso e dependente das mesmas estruturas que nos isolam, como as redes sociais. Ainda assim, encontro nela um desafio misturado com conforto, uma espécie de ensaio de como seria uma maneira alternativa de se comportar:

1. As vinte pessoas geralmente não se conhecem, e ainda assim passam oito horas fisicamente próximas e em silêncio, ou seja, em uma condição anônima e íntima.

2. Sem as palavras, não existe o peso social das perguntas “O que você faz;” “Onde você mora;” existe assim a sensação de horizontalidade.
3. O objetivo é abrir o corpo para o encontro com os lugares-pessoas, para a pegação acústica, nadar no som e na situação *que está aqui*.
4. Muitas vezes “o que está aqui” não é nada especial ou promissor. É somente uma casa relativamente vazia onde o sujeito pode projetar o que quiser, focar no que quiser, derivar onde desejar.

Humanizar pelo ouvido, aprofundar pelo silêncio, é o exercício que tenho o prazer de fazer com todas as pessoas que já se apresentaram para a caminhada, em formas e modos que se mutam, se coletivizam e cada vez mais fogem das rédeas do controle excessivamente racional do tempo e do espaço. Enquanto a realidade mostrar pouca ou nenhuma suspeita de que é só um mal-estar temporário, gostaria de ficar sempre fora dos condomínios que nela foram e serão construídos. E de preferência, acompanhada.

Referências

NANCY, Jean L. *AL'écoute*. Paris: Galilée, 2002.